HISTÓRIA E CULTURA: Conversa com Carlo Ginzburg

O historiador italiano Carlo Ginzburg, especialista na análise dos processos da Inquisição nos séculos XVI e XVII, é conhecido do público brasileiro por seus livros *O queijo e os vermes* (1987), *Os andarilhos do bem* (1988) e *Mitos, emblemas, sinais* (1989), todos traduzidos e publicados pela Companhia das Letras. Professor da Universidade de Bolonha e da Universidade da California em Los Angeles, esteve no Brasil em setembro de 1989, onde proferiu palestras a convite da USP, da Unicamp e do PPGAS do Museu Nacional (UFRJ).

Nesta entrevista concedida a Alzira Alves de Abreu, Ângela de Castro Gomes e Lucia Lippi Oliveira, discorre sobre sua formação, as influências que sofreu e sua própria obra, contribuindo para o debate sobre a relevância dos temas históricos.

A.A — *Poderia nos falar sobre suas origens, familiares e culturais?*

— Nasci em Turim em 1939, numa família de judeus assimilados e intelectuais, tanto do lado paterno quanto materno. Meu pai, Leone Ginzburg, nasceu em Odessa e foi para a Itália criança. Viveu em Turim e foi colega de colégio e amigo de Bobbio, que depois escreveu a introdução da coletânea póstuma de seus escritos, um texto muito bonito e comovente. Meu pai era professor de literatura russa, mas em 1932, quando os fascistas exigiram queos professores jurassem fidelidade ao regime, pediu demissão. Em 1934 entrou na conspiração antifascista e tornou-se líder de um grupo em Turim que tinha ligações com a França. Foi preso e passou dois anos na cadeia. Quando saiu, foi um dos fundadores da Editora Einaudi, junto com Cesare Pavese. Logo depois que começou a guerra, em 1940, como era muito vigiado, foi confinado numa cidadezinha nos Abruzzi. A família foi junto, e passei minha primeira infância, até 1943, nesse lugarejo. Nesse ano o rei destituiu Mussolini, e meu pai

Nota: Esta entrevista foi transcrita por Helena Araújo Leite de Vasconcelos e traduzida e editada por Dora Rocha Flaksman.

Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 3, n. 6, 1990, p254 -263.

voltou para Roma, que estava ocupada pelos alemães. Sempre ligado à conspiração antifascista, foi preso e morreu na prisão alemã em Roma em 1944.

Minha mãe, Natalia Ginzburg, Levi em solteira, era filha de um histologista muito conhecido e importante, professor da Universidade de Turim. Três dos alunos de meu avô receberam o prêmio Nobel, o que é um número significativo: Luria, Dulbecco e Rita Levi-Montalcini, que deu aulas em São Paulo. Aliás, em 1948 meu avô passou um ano em São Paulo, suponho que a convite de algum de seus ex-alunos.

Depois da guerra, minha mãe recomeçou a escrever. É uma romancista muito conhecida, e seus livros foram traduzidos em vários países, inclusive no Brasil. Também escreveu para teatro e tem um livro chamado *Lexico familiar*, uma espécie de autobiografia, uma história de sua família, em que ela própria aparece pouco mas fala de meu avô e dos outros.

Nasci portanto nessa família de intelectuais, o que sem dúvida representou um privilégio cultural. Ao mesmo tempo, há o fato de que éramos judeus e de que, um pouco devido à guerra, conservei uma lembrança muito nítida da perseguição sofrida. Tenho assim essa dupla marca. Não chega a ser uma ambigüidade, no fundo é algo muito ligado à questão judaica, comum aos intelectuais judeus.

A.A.— *Onde o senhor fez seus estudos?*

— Comecei meus estudos em Turim, depois Roma, e fiz a universidade em Pisa, na Scuola Normale Superiore, que era uma espécie de cópia da École Normale Supérieure francesa. Era o mesmo tipo de instituição, extremamente seleta do ponto de vista cultural, com um rigoroso concurso de admissão. A escola oferecia seminários nas áreas de matemática, física, letras ou humanidades. Não eram ciências humanas, porque não havia sociologia ou antropologia. Mas havia história. Acontece que os alunos da Scuola Normale seguiam também os cursos da Universidade de Pisa. Além dos exames na universidade, havia os seminários da escola, era um programa muito puxado. Eu freqüentava a Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade de Pisa, mas fiz minha dissertação em história.

L.O.— *Por que história?*

— Quando eu era criança, sonhava em ser escritor, o que era até previsível já que minha mãe escrevia. Depois, pensei em ser pintor. Pintei na adolescência, cheguei a estudar um pouco de pintura, mas, num determinado momento, percebi que não era pintor. E o curioso é que tanto a literatura como a pintura têm a ver com o que faço hoje. Existe uma dimensão literária no trabalho do historiador e tenho muita consciência desse elemento. Existe também esse amor pela pintura, que é muito importante para mim.

Ao iniciar meus estudos na Scuola Normale, em Pisa, pensava em trabalhar com história da literatura, tornar-me um literato. E havia um seminário de um professor que ensinava em Florença chamado Delio Cantimori, um dos historiadores mais importantes da Itália. Ele ia passar uma semana em Pisa, e disse que iria ler e comentar a obra de Burckhardt, *Considerações sobre a história do mundo*. Lembro-me muito bem do momento em que o vi pela primeira vez: era um homem gordo, não muito alto, de barba branca, com uma cara de cardeal, como nos retratos de cardeais de El Greco. Falava com uma voz pastosa, e perguntou: "Algum de vocês lê alemão?" Muito poucos liam. Ele continuou: "Bom, vamos ler o livro de Burckhardt, mas vamos comparar as traduções italiana, francesa, inglesa etc." Começamos, e depois de uma semana tínhamos lido cerca de dez linhas. Aquilo me marcou profundamente. Aquela maneira de ler o texto levantando uma multiplicidade

de problemas foi algo que me pareceu realmente magnífico. Um ano depois, decidi estudar história. O fato de poder trabalhar com Cantimori, que vinha freqüentemente a Pisa, foi muito importante para mim.

Mas há ainda um outro fato ligado a essa escolha. Havia na Scuola Normale um historiador medievalista chamado Arsenio Frugoni, não tão importante como Cantimori, mas muito bom professor, autor de um livro sutil e inteligente sobre um herege queimado pela Igreja Romana no século XII. Assim que entrei para a universidade, ainda interessado em literatura, Frugoni tentou convencer-me a estudar história e me deu um ensaio de Croce para ler. E o fato é que o primeiro livro de história que eu havia lido era justamente a *História da Europa*, de Croce, um pouco por influência familiar. Meu pai havia sido um discípulo de Croce e, quer por razões políticas, ligadas ao antifascismo, quer por razões culturais – meu pai falava russo e Croce lhe teria pedido para traduzir alguma coisa quando escreveu seu livro – o exemplar da *História da Europa* que li tinha uma dedicatória de Croce a meu pai com agradecimentos. De modo que havia esse lado, e por isso li muito Croce. Aliás, faço parte da última geração na Itália que leu realmente Croce. Depois disso, não se leu mais. E isso foi importante para mim, mesmo que eu não goste de Croce. Há coisas boas nele, mas faço uma história totalmente diferente da que ele propõe.

Voltando ao meu tempo de escola, Frugoni me deu o ensaio de Croce para ler, um célebre ensaio sobre um marquês napolitano que abraçou o protestantismo no século XVI. Comecei a lê-lo e percebi que não me interessava nem um pouco. Disse a Frugoni que não ia estudar história, porque era uma disciplina que não me despertava interesse. Depois de ter ouvido Cantimori e ter mudado de idéia, voltei a Frugoni. Eu tinha que escolher um tema de estudo, e ele me sugeriu que trabalhasse com os *Annales*. Perguntei: "O que é isto?" É interessante que naquela época, 1958, houvesse alguém na Itália propondo os *Annales* como tema a um estudante que não sabia do que se tratava. De toda forma, havia a coleção completa dos *Annales* numa biblioteca de Pisa, o que prova que as ligações eram mais antigas. Hoje existe na Itália uma idéia equivocada de que a influência dos *Annales* teria começado nos anos 70, quando na verdade se iniciou muito antes.

Comecei então a ler os *Annales* desde os primeiros números. Li Marc Bloch e fiquei muito impressionado, sobretudo com *Les rois taumaturges*, que na época não era visto como um livro importante – só depois da introdução de Le Goff para a reedição da Gallimard foi que se passou a considerá-lo como a obra-prima de Bloch. Li muito Bloch, e meu primeiro trabalho remunerado foi a tradução de seus *Caractères originaux de l'histoire rurale française*. Franco Venturi, que trabalhava na Editora Einaudi e tinha sido amigo de meu pai, me propôs traduzir o livro. Eu ainda era estudante e hesitei, pois achei que seria muito difícil, mas resolvi tentar. Aqui também influiu esse aspecto sobre o qual já falei, o fato de fazer parte, por razões familiares, da *intelligentsia* italiana. Esse privilégio representava uma vantagem, mas também tinha seu preço em relação à percepção do mundo. Assim como podia ajudar, podia se tornar um obstáculo. Compreendi isso lentamente.

Além desse encontro com Marc Bloch, houve outro fato fundamental. Li o livro de um historiador italiano muito importante, Federico Chabod, sobre a história religiosa do Estado de Milão no século XVI e as primeiras reações à Reforma Protestante. Havia ali páginas admiráveis, e sobretudo uma, que me impressionou muito da primeira vez que a li. Chabod havia trabalhado intensamente com os arquivos milaneses, e tinha encontrado uma minuta de documento oficial em cujo verso havia algumas frases sobre a predestinação que haviam sido

riscadas. E Chabod fazia uma análise maravilhosa desse documento esquecido, riscado, quase destruído, em cujo verso alguém, talvez um pequeno funcionário anônimo, havia escrito aquelas palavras. Chabod dizia que esse funcionário poderia, como encontramos muitas vezes nos arquivos, ter feito desenhos obscenos ou ter escrito palavras soltas, mas suas preocupações religiosas estavam tão presentes que o levaram, num momento de tédio, a escrever aquelas palavras que lá estavam. A análise de Chabod era realmente extraordinária, sobretudo sua idéia de recuperar um documento como aquele para a história. Hoje, pensando retrospectivamente, acho que naquele momento, mesmo de uma forma obscura, compreendi o que se podia fazer com a história.

A.A.— *E assim o senhor decidiu ser historiador.*

— Sim. No ano seguinte eu devia escolher um outro tema de estudo, e lembro que estava passeando quando pensei: "Vou estudar as feiticeiras." Eu não sabia nada sobre o assunto, mas de uma forma totalmente imediata soube que o que me interessava eram as feiticeiras ou feiticeiros, e não a perseguição que sofreram. Eu não sabia que estava fazendo uma escolha que não era comum – mesmo hoje, trabalha-se muito mais com a perseguição da feitiçaria. Como eu não conhecia nada, fui para a biblioteca e comecei a ler o verbete *stregholeria* na Enciclopédia Italiana. Aliás, isto é uma coisa que conservo até hoje: gosto muito de começar trabalhos completamente novos, sobre coisas a respeito das quais não conheço nada. Sempre tento explicar aos meus alunos que o que existe de realmente excitante na pesquisa é o momento da ignorância absoluta. Penso que não se deve ter medo de ser ignorante, e sim procurar multiplicar esses momentos de ignorância, porque o que interessa é justamente a passagem da ignorância absoluta para a descoberta de algo novo. Considero que o verdadeiro perigo está em nos tornarmos competentes.

A.A.— *O senhor teve algum tipo de formação religiosa?*

— Não. Meu pai não era religioso, e minha mãe, embora o seja no fundo, não é praticante. Meu avô materno era um positivista feroz. Não tive nenhuma educação religiosa, freqüentei uma escola pública e leiga. É verdade que depois de Mussolini, e até hoje, as escolas italianas têm aulas de religião católica. Assisti a essas aulas, como todo mundo. Mas hoje posso dizer que não tenho nenhuma relação com qualquer religião revelada.

A.A.— *Mas a religião parece ter grande importância em seu trabalho.*

— Sim. Trabalhei muito com fenômenos religiosos, e penso que a religião é uma dimensão extremamente importante da história. Muito importante também para o que faço.

A.G.— *Por que a escolha das feiticeiras como tema de estudo?*

— Certamente pesou nessa escolha a idéia de que os fenômenos religiosos são importantes. Mas havia outra coisa também, que na época me escapou de uma maneira surpreendente: a idéia de trabalhar com marginais, com hereges, podia estar ligada ao fato de eu ser judeu. Reprimi completamente essa associação, e foi um amigo que me alertou para ela numa conversa, como algo evidente. Havia ainda outro elemento muito profundo em meu interesse pelas feiticeiras: a fascinação pelos contos de fadas que minha mãe lia quando eu era criança. Isso foi uma coisa que retornou e teve um papel muito importante, por exemplo, no livro que acabo de publicar

na Itália, *Storia noturna*. É um livro sobre o sabá que será traduzido aqui pela Companhia das Letras. Essa ligação entre as feiticeiras e os contos de fadas também teve um papel fundamental.

L.O.— *O senhor falou em Croce. Vico também foi uma influência em seus anos de formação?*

— Vico é realmente um grande clássico. Foi redescoberto no começo do século XIX, mas sobretudo foi redescoberto por Croce. Foi através de Croce que Vico se tornou tão importante. A idéia de Vico, tão nova e tão perturbadora, de levar a sério *i bestioni*, os homens primitivos, o início do gênero humano, e de reconhecer neles uma cultura, esse lado meio "antropológico" de Vico, foi algo que certamente chegou até mim nos meus anos de formação. Mas essa questão de influências é complicada, porque no início temos uma certa porosidade intelectual que depois vai desaparecendo. E acho que esse período de porosidade é crucial, porque é então que se forma um arcabouço cultural, assim como antes já se formou um arcabouço psicológico. Alguns dos livros mais importantes que li, li antes dos 22 anos. Até essa época eu não havia lido Vico, mas tinha lido o diário de Pavese. E Pavese refletiu muito sobre Vico, de uma maneira que não era a mesma de Croce. Ele tem reflexões muito interessantes sobre o papel da metáfora, que me deixaram fascinado. De modo que acho que foi através de Pavese que sofri a influência de Vico.

Pavese foi um homem que fez um enorme sucesso na Itália e até hoje é muito lido. Mas hoje ele desapareceu da discussão intelectual. Acontece que ele foi grande amigo tanto de meu pai quanto de minha mãe, que escreveu dois ensaios a seu respeito. Lembro de tê-lo conhecido, lembro de quando chegou a notícia de seu suicídio... Ele escreveu um livro que foi muito importante para mim, chamado *Dialoghi con Leucò*. Talvez seja seu melhor livro. São diálogos com personagens mitológicos, onde a mitologia aparece como uma coisa viva. Sua maneira de abordar a mitologia não é nem um pouco erudita, embora ele lesse grego, fosse um homem muito culto. Li esse livro naquele estado de porosidade intelectual, e foi uma experiência marcante. Também através de Pavese li outras coisas importantes. Ele dirigia uma coleção na Editora Einaudi de estudos antropológicos, religiosos, psicológicos, algo que foi até muito discutido na época, pois o Partido Comunista via essa série com desconfiança. Através de Pavese li então Ernesto di Martino, sobretudo seu livro *Il mondo mágico*, um trabalho que considero extraordinário, que me impressionou muitíssimo. Acho que minha decisão de trabalhar com as feiticeiras também foi influenciada por esse livro.

Acredito que no fundo os livros de história talvez não tenham sido a coisa mais importante que li. Acho que *Guerra e paz* de Tolstoi, por exemplo, me marcou muito mais profundamente do que qualquer livro de história, inclusive os de Marc Bloch. Assim também Dostoievski. Ou seja, os romances foram os livros que mais me tocaram.

Devo mencionar ainda outra grande descoberta que fiz em minha vida: o Warburg Institute, em Londres. Aby Warburg pertencia a uma grande família de banqueiros alemães de Hamburgo, e há uma história segundo a qual ele, que era o filho mais velho, teria dito ao irmão mais moço: "Você pode ficar com os direitos do primogênito, contanto que eu tenha bastante dinheiro para comprar todos os livros que quiser." Algo no estilo Esaú e Jacó. Era um homem rico, interessado em história da arte, antropologia, filosofia, psicologia etc., começou a comprar livros e construiu uma enorme biblioteca, que era aberta aos pesquisadores. Conta-se que Cassirer, quando viu a biblioteca, disse: "Tenho que escolher entre ignorá-la ou me enterrar nela." E sua obra

A filosofia das formas simbólicas, especialmente o segundo volume, sobre o símbolo, foi feito na Biblioteca Warburg.

Aby Warburg morreu em 1929, no dia do *crack* da bolsa de Nova York. Após sua morte, seu sucessor, Saxl, que também era um grande historiador da arte, decidiu transferir a biblioteca para Londres. Isso foi antes de Hitler, talvez em 1931. E até hoje existe o Warburg Institute em Londres, um centro absolutamente extraordinário, cujo núcleo foi a biblioteca vinda de Hamburgo. Pessoas como Panofsky foram ligadas ao Warbug Institute, Eric Gombrich foi seu diretor durante muitos anos.

Uma ocasião, quando eu ainda estudava em Pisa, fui a Londres visitar minha mãe, que se havia casado novamente com um professor de literatura inglesa em Roma. Eles estavam em Londres, e fui encontrá-los. Cantimori também estava lá, e me levou para conhecer o Warburg Institute. Fiquei fascinado pelo instituto, pela história da arte, pela possibilidade de trabalhar com história da arte numa perspectiva mais ampla. Em 1964, quando estava preparando meu livro *Os andarilhos do bem*, ganhei uma bolsa de um mês e fui para Londres. Trabalhei como um louco, descobri a obra de Gombrich, sobretudo *Art and illusion*, comprei os livros de Saxl, voltei para a Itália com uma mala cheia de livros. Comecei a ler Gombrich, e foi uma experiência extraordinária, algo que me marcou muito. Escrevi então um artigo sobre a tradição da Biblioteca Warburg, que depois foi publicado na coletânea *Mitos, emblemas, sinais*. Enviei o artigo a Gombrich, e a seu convite voltei a Londres por um ano. E isso para mim foi muito importante.

Na Itália como no Brasil, as pessoas perceberam meu trabalho através da tradição dos *Annales*. Sem dúvida os *Annales* foram importantes para mim. Nos últimos 15 anos tenho sido regularmente convidado a ir a Paris para discutir com o grupo dos *Annales*. Mas acho que meu arcabouço intelectual é mais heterogêneo. Houve outras coisas que me marcaram.

A.A.— *O senhor também sofreu influência do marxismo?*

— Realmente, como todos sabem, a vida intelectual na Itália foi impregnada pelo marxismo. Meu encontro com Gramsci sem dúvida foi muito importante. Lembro-me do momento em que comecei a ler suas *Cartas da prisão*: era 1957, eu estava terminando o colégio, e foi muito marcante. Depois conheci Cantimori, que havia sido membro do Partido Comunista e tinha traduzido o primeiro volume de *O capital* como dever de militância. Cantimori talvez tenha sido o historiador comunista mais importante depois da guerra. Li Hegel e Marx no curso de um intelectual comunista chamado Cesare Luporini, uma figura interessante. Evidentemente, isso também me marcou. Mas acho que os historiadores comunistas daquela época na Itália interessavam-se por Gramsci numa perspectiva um pouco escolástica. Estavam interessados não tanto na história do Partido Comunista, mas na história do movimento operário da Itália antes do partido. Queriam fazer a história política do movimento operário, e este não era um tema que me interessasse.

Lembro que quando fui para Londres, ainda estudante, Cantimori me mandou procurar um amigo seu que falava muito bem o italiano. Era Eric Hobsbawm. Eu era muito tímido e não o procurei. Só o conheci mais tarde, e é engraçado, porque ele foi o primeiro a escrever sobre meu livro *Os andarilhos do bem*. Mas antes disso li na revista teórica do Partido Comunista Italiano, *Società*, um artigo de Hobsbawm intitulado "Por uma história das classes subalternas". Era um artigo que partia de Gramsci, mas sugeria um panorama internacional, esboçava uma perspectiva mais ampla. Àquela altura eu já estava trabalhando com as feiticeiras e pensei: "Estou

no bom caminho." Foi uma sensação agradável, porque durante muito tempo tive a impressão de que estava completamente isolado. É bom estar sozinho, mas também é bom compreender que existem outras pessoas trabalhando na mesma direção. Eu tinha essa sensação de isolamento porque ninguém, entre os historiadores que eu conhecia, sobretudo depois da morte de Cantimori, se interessava pelo Instituto Warburg, pelas feiticeiras ou coisas desse tipo. Lembro que em 1968-1969 eu era assistente da faculdade em Roma, e todos os estudantes que se interessavam por história só queriam saber de um único período: o que havia ocorrido em Turim entre maio e setembro de 1920, ou seja, Gramsci, os conselhos operários etc. Não existia nada fora disso.

L.O.— *O senhor é um historiador italiano internacionalmente conhecido. Como se deu sua inserção nos meios intelectuais internacionais?*

— Acho que esta é uma pergunta importante porque tem implicações que vão muito além do meu caso pessoal. Publiquei *Os andarilhos do bem* em 1966, e tive uma resenha anônima no *Times Literary Supplement* – era o texto de Hobsbawm, que não o assinou. Alguns anos mais tarde, saiu outra resenha bastante elogiosa na *Bibliothèque de l'Humanisme et Renaissance*. Era um texto de Bill Monter, um historiador americano que trabalhou com feitiçaria, história espanhola, Inquisição etc. Fiquei muito contente. Havia um outro historiador americano chamado Jerry Siegel, que conheci em Florença. Ele escreveu um livro sobre Marx e depois começou a trabalhar com os humanistas italianos. Voltou para os Estados Unidos, e enviei-lhe um texto que eu havia escrito sobre a história religiosa da Itália, chamado "Folclore, magia e religião". Era parte de uma história da Itália em vários volumes que foi publicada pela Einaudi. Jerry Siegel escreveu-me de volta, dizendo que o Davis Center for Historical Studies de Princeton, dirigido por Lawrence Stone, ia lançar um programa sobre religiões populares e que eu deveria me candidatar a dar um curso lá. Fui aceito e em 1973 fui para Princeton.

Quando cheguei aos Estados Unidos, descobri que havia pesquisadores que conheciam *Os andarilhos do bem*. Embora o livro não tivesse passado despercebido na Itália, fiquei surpreso. Mas só no final dos anos 70, quando *O queijo e os vermes* começou a ser traduzido, o caminho foi aberto. Estou convencido de que *Os andarilhos do bem* foi realmente um livro inovador, algo que até então não tinha sido feito, enquanto *O queijo e os vermes* é um livro menos novo – não estou falando do valor dos livros, e sim de seu aspecto "novidade". Talvez até por ser menos novo, *O queijo e os vermes* pôde ser melhor percebido e fez grande sucesso. O momento era propício, havia uma conjuntura internacional favorável, Braudel escreveu dizendo que era um livro muito bom, que devia ser traduzido...

Há aí uma questão interessante, que é o problema colocado pela tradução de certos livros, inclusive os meus. Penso também, por exemplo, em *O retorno de Martin Guerre*, de Natalie Zemon Davis, ou em *O grande massacre dos gatos*, de Robert Darnton, livros muito diferentes, mas que têm algo em comum. Acho que existe uma grande diferença entre os temas históricos que se justificam por si mesmos e aqueles que devem ser justificados por uma abordagem específica. Ou seja, quando se escreve um livro sobre a Revolução Francesa, ele pode ser bom ou ruim, mas não é preciso justificar a idéia de escrevê-lo. Mas quando se escreve um livro sobre, digamos, um moleiro do século XVI, é preciso justificá-lo. É preciso justificar o próprio tema. Acredito que isso tenha alterado algo de muito profundo na profissão do historiador.

A necessidade de justificar um tema que não se justifica por si mesmo já existia, por exemplo, na antropologia. O antropólogo analisa uma comunidade qualquer não por ela mesma, mas porque através dela levanta questões. As pesquisas antropológicas têm uma ligação com a história do gênero humano que não é diacrônica. Ora, no campo da história aconteceu exatamente o contrário: a partir do século XVIII, XIX, surgiram temas que se justificavam por si mesmos sobretudo porque estavam ligados a histórias nacionais. Este era o *framework*, o quadro geral. Era em relação a esse quadro que os temas eram mais ou menos justificados. Evidentemente havia temas que não eram interessantes e importantes apenas para uma determinada comunidade nacional, como a Revolução Francesa ou a descoberta da América. Mas sempre havia essa mediação da história nacional. E penso que nada do que fiz passa por essa mediação. A conseqüência disso é que a história que faço, que poderia ser abordada de uma maneira inteiramente local, pode ser traduzida para o japonês. E acredito que isso se aplique também a Natalie Davis ou Darnton.

Penso que a traduzibilidade de meus livros está ligada ainda a outro elemento. Entre os historiadores italianos sempre prevaleceu, e prevalece até hoje, com raras exceções, a tendência a escrever para profissionais. Há muito de implícito no que se escreve, e isso dificulta a tradução. Cantimori, por exemplo, escrevia de uma maneira muito complicada, cheia de parênteses, de subentendidos. Eu era fascinado por ele como historiador, mas desde muito cedo decidi que gostaria de trabalhar de maneira diferente, de escrever tanto para profissionais quanto para um público mais amplo. E foi o que fiz em *Os andarilhos do bem* e *O queijo e os vermes*. Mesmo o livro que será publicado aqui pela Paz e Terra, sobre Piero della Francesca, é um livro que tem um lado técnico, e no entanto foi lido na Itália por um público que não era formado apenas por profissionais.

A idéia de escrever para um público amplo me parece ser um fim em si mesmo. Se a pesquisa é importante, por que deveria permanecer como apanágio de um grupo restrito de profissionais? Poderemos interessar pessoas que não são profissionais se dividirmos com elas não apenas o resultado da pesquisa, mas também o caminho percorrido para chegar até ele. Às vezes a pesquisa pode ser mais fascinante do que o resultado.

A.G.— *A penetração de seus livros teria sido facilitada por uma conjuntura intelectual que tende a valorizar a história das mentalidades, a história social?*

— O fato de ter trabalhado com temas que não se ligam à história nacional certamente facilitou a tradução dos meus livros, mas acho também que me beneficiei dessa conjuntura a que você se refere. Não sei se contribuí um pouco para a cristalização dessa atmosfera – espero que o tenha feito –, mas em todo caso penso que a conjuntura é algo muito mais profundo, que não está ligado de maneira específica àquilo que faço. Mas evidentemente ela contribuiu para o sucesso de meus livros. Houve essa coincidência.

Os andarilhos do bem talvez tenha se adiantado um pouco, pois foi escrito num momento em que essa conjuntura ainda não era tão evidente. Foi um livro que circulou pouco, no começo. Agora está traduzido, e devo dizer que sinto um prazer um pouco infantil com essa idéia de tradução. Gosto muito de viajar, e a idéia de pluralidade cultural, pluralidade física, é algo que me fascina. A idéia de que pessoas que não conheço e talvez não conheça nunca, no Brasil ou no Japão, podem ler meus trabalhos realmente me atrai. E isso está ligado ao fato de que sempre tento controlar o que escrevo, ou seja, sempre procuro criar efei-

tos. Isto é muito importante para mim, e muito consciente. Há em meus livros um lado meio romance do século XIX, um lado meio *coup de théâtre*. Procuro criar esses efeitos, controlar as leituras, mas sei perfeitamente que não posso controlar a maneira como alguém no Brasil, por exemplo, irá ler o que escrevo. E quando venho ao Brasil, acho que compreendo melhor essa pluralidade cultural, percebo que o diferente, que é reconstituído por meus livros, pode ter ressonâncias aqui. O fato de toda comunicação ser imperfeita, mas ainda assim existir, é o que realmente me fascina e está na raiz do prazer que sinto em viajar.

A.A.— *Poderia nos falar um pouco sobre seu último livro*, Storia noturna?

— É o livro mais longo que escrevi, e no qual trabalhei mais de 15 anos, com longos intervalos – houve um intervalo, por exemplo, quando comecei a escrever o livro sobre Piero della Francesca. *Storia noturna* foi um livro muito difícil de escrever, embora eu estivesse muito apaixonado pela pesquisa. Durante muito tempo achei que não seria capaz de terminá-lo. Publiquei-o em abril de 1989, mas mesmo agora tenho a impressão de que foi escrito por alguém que não eu. É claro que quando penso no livro, lembro de quando o escrevi, mas relendo alguns trechos sempre tenho sentimentos de surpresa. É uma obra que tem implicações muito pessoais, e penso que isso desempenhou um papel importante nessas dificuldades. Mas é também um livro que deseja ir além dessas implicações pessoais, não é um romance ou uma autobiografia disfarçada. É um livro de história, há um trabalho de pesquisa, há notas etc.

Storia noturna aborda o problema do sabá numa perspectiva ao mesmo tempo histórica e morfológica. A primeira parte é histórica, a segunda é morfológica, e há ainda uma terceira parte em que faço uma comparação entre as duas perspectivas e tento operar uma convergência. Há uma conclusão e uma introdução teórica bastante longa. Na primeira parte, começo com o sabá, ou seja, a reunião das feiticeiras, vista pelos inquisidores, pelos juízes. Analiso a idéia de complô, que é algo muito importante. Há um pequeno trecho na introdução em que falo do papel do terrorismo, porque penso que há uma relação entre a percepção que tive dessa idéia do complô e o terrorismo na Itália a partir de 1969. Procuro colocar esse problema do complô numa perspectiva histórica para tentar compreender como surgiu a idéia de uma sociedade de feiticeiras hostil à sociedade mais ampla. Esta é a primeira parte, um histórico muito detalhado, ligado a uma série de documentos muito densa, seja no tempo, seja no espaço.

Na segunda parte, tento compreender aquilo que considero ser o núcleo folclórico do sabá, ou seja, o vôo mágico e a metamorfose em animais. Coloquei-me o problema do núcleo folclórico e procurei recolher fenômenos com uma preocupação puramente formal, alheia a qualquer consideração de ordem histórica, cronológica ou geográfica. Reconstituí séries de fenômenos ligados entre si do ponto de vista estrutural, no nível da morfologia profunda, dispersos pelo continente eurasiano.

Na terceira parte, há um capítulo que se chama justamente "Conjecturas eurasiáticas", em que tento propor uma série histórica, apresentar relações históricas documentadas que poderiam explicar essa dispersão de dados. Nesse momento, porém, achei que isso não era suficiente e utilizei Lévi-Strauss, que é o interlocutor mais importante do livro. Lévi-Strauss tem um artigo publicado em 1944-45 sobre os desdobramentos da representação na China e nas culturas do noroeste da América em que se pergunta se teria havido uma difusão. O contato explicaria a difusão, mas não explica o fato de que esses fenômenos continuaram a existir, de que houve permanên-

cia. Descobri que havia um trecho semelhante, porém independente, em Marc Bloch, e essa convergência me impressionou. Mas o que mais me impressionou foi a discussão de Lévi-Strauss, ao dizer que a explicação histórica não bastava. E o que tentei fazer nesse terceiro capítulo, que é o mais longo e talvez o mais audacioso do livro, foi combinar as duas abordagens.

A.A.— *Para terminar, gostaríamos de ouvi-lo sobre a evolução da história na Itália. Estaria ocorrendo hoje uma renovação?*

— É muito difícil analisar. O fascismo representou um período de fechamento intelectual que marcou toda uma geração, e acredito que isso pode ser comprovado pelas exceções. Tomemos alguém, por exemplo, como Arnaldo Momigliano. Ele nasceu em 1904 ou 1908, preparou-se para ser um historiador de primeira ordem, mas como era judeu, foi expulso da universidade italiana, mudou-se para Londres e viveu sua vida de pesquisador fora da Itália. Seu caso é revelador, pois o exílio o afetou de uma maneira positiva do ponto de vista intelectual. Aprendi muito com ele como pesquisador, foi um homem que nos últimos anos me influenciou muito e sobretudo me deu o exemplo de uma linguagem simples, que podia ser traduzida. Penso que existe realmente um problema com a prosa científica italiana. É claro que existem grandes exemplos no passado, mas acho que neste século, afora Gramsci, Giorgio Pasquali, o grande filólogo, e Momigliano, os exemplos são raros.

Depois do exílio, Momigliano não apenas começou a escrever de uma maneira diferente, mas passou a ter uma visão mais ampla das coisas. Teria sido um grande historiador mesmo na Itália, mas acho que demonstra por oposição o que acabo de dizer, ou seja, que havia algo de sufocante na atmosfera intelectual sob o fascismo. Cantimori, num determinado momento, também começou a viajar pela Europa. Venturi, porque seu pai foi expulso da Itália por ser antifascista, fez seus estudos na França. Trata-se de pessoas de alto padrão que de certa forma não foram afetadas, e acho que isso prova alguma coisa.

Na geração seguinte, havia evidentemente historiadores talentosos, como Arsenio Frugoni. No entanto, acho que ele tinha uma certa timidez intelectual que estava ligada à raridade dos contatos, a um clima sufocante. Mesmo nas pessoas que reagiram a isso, como os jovens historiadores do Partido Comunista, percebe- se algo de, eu não gostaria de dizer provinciano, porque acho que esta é uma palavra que não explica nada, mas algo de abafado, sufocado. Houve historiadores mais ou menos bons, mas sempre com essa marca.

Na minha geração já houve a possibilidade de viajar. Lembro que li com muita pena as cartas de um historiador italiano que nos fins dos anos 30 teve permissão para ir a Paris por um ou dois meses. Ele era antifascista, não lhe davam passaporte, de modo que nunca tinha podido viajar. As cartas que escreveu à mulher eram dolorosas. Quando as li, eu já tinha estado em Paris sem qualquer problema. Acho que isso foi muito importante, pois as idéias começaram a circular. É claro que esse contato material não é tudo, não é uma condição necessária. Vico, por exemplo, não sabia francês, só sabia latim, viveu numa província longínqua e foi um grande gênio...